

"GADO BRAVO" desenho de JOSÉ ROCHA

m. 27
1933-1934

S. P.
49
16



10
9
15

Movimento
revista de cinema

C I M E N T O L

PINTURA A OLEO PARA PA- REDES DE CAL E CIMENTO

Aplica-se directamente sem qual-
quer aparelho ou preparação prévia

Solidez, Economia e Resistência

REPRESENTANTES
ABÍLIO QUEIRÓS & C.^A, L.^{DA}

Rua de Santa Catarina, 130

PÔRTO

TELEFONE, 4986



Caros amigos

*Não esqueçam a remessa dos pro-
dutos de beleza que vos encomen-
dei. São os melhores que conheço
e não quero privar-me deles.*

Vossa amiga

Greta Garbo

CASA TINOCO

R. SANTA CATARINA

26 28

P Ô R T O

MOVIMENTO

REVISTA DE CINEMA

2.º ANO 30 DE SETEMBRO DE 1934

DIRECTOR

ARMANDO VIEIRA PINTO

EDITOR-ADMINISTRADOR

ARMANDO BARROS

PROPRIEDADE DE

ARMANDO & ARMANDO

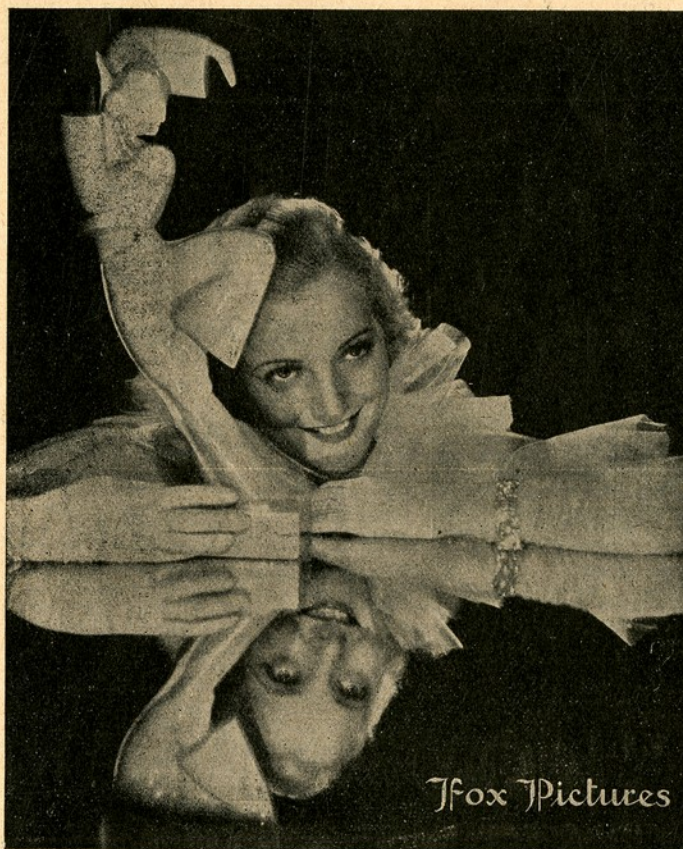
PÓRTO RUA ELÍSIO DE MELO, 28 SALA 4

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA PORTUGUESA — 108, RUA FORMOSA, 116 — PORTO

QUERE V. EX.^A SORRIR ASSIM,
FELIZ DE POSSUIR UMA LINDA
PELE?

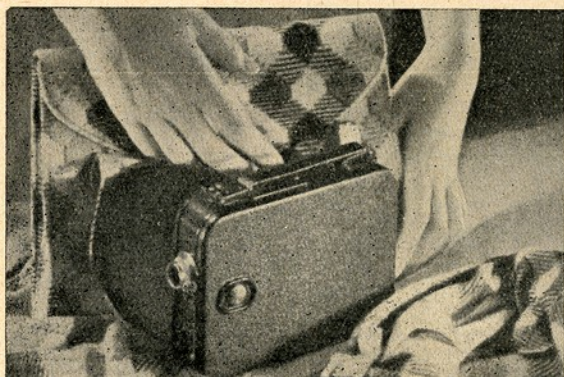
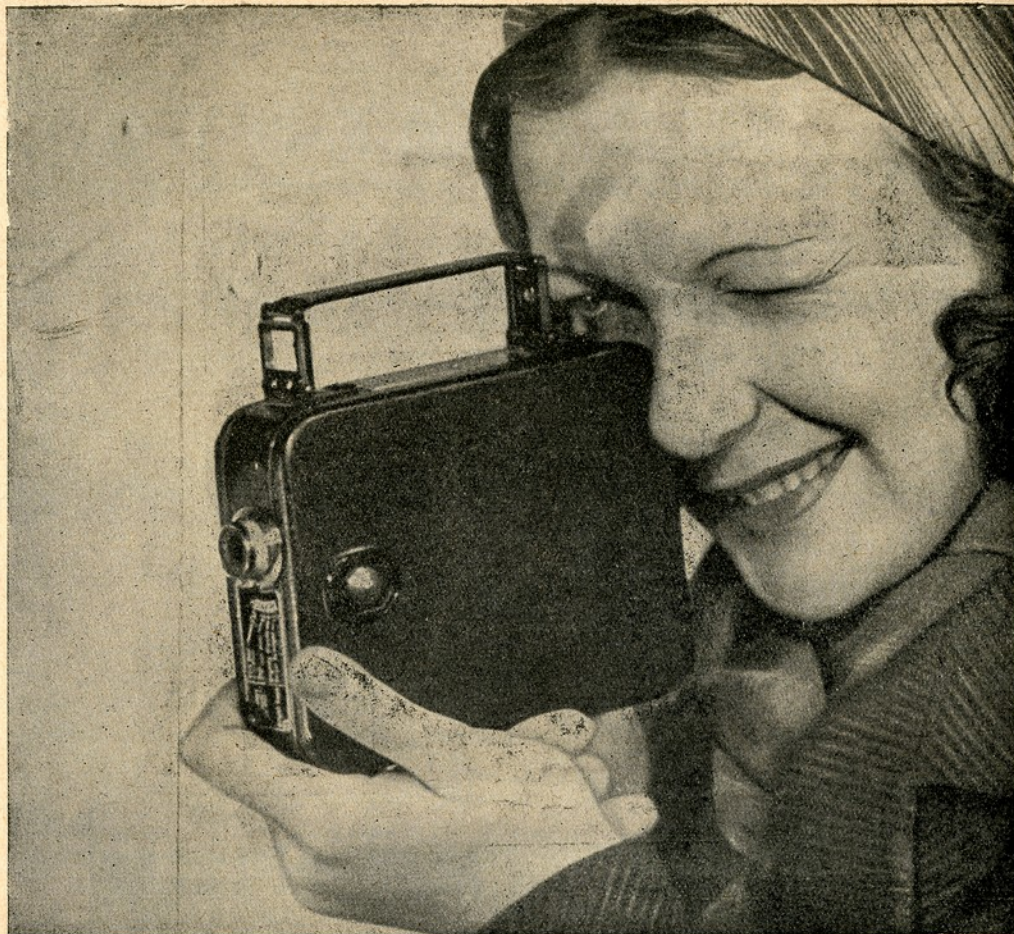
USE OS PRODUTOS DE BELEZA
RAINHA DA HÚNGRIA CUJA FAMA
É MUNDIAL

M.^{ME} CAMPOS, L.^{DA} Avenida da Liberdade, 35 LISBOA



VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

*Visar... premir
um botão... e se-
rão vossas para
sempre as mais
belas horas de
felicidade*



*Elegante e leve, a-pesar-da sua solidez, o
Cine «Kodak» Oito pode ser transportado
numa mala de senhora ou na algibeira
dum casaco*

**Todos os que amam
a VIDA, podem obter
imagens VIVAS com
um**

CINE "KODAK" OITO

*o aparelho de cinematografia de amator que, graças a um novo processo de
Kodak, reduz a menos de metade o gasto da película. Peça informações nas
boas casas da especialidade.*

KODAK LTD.—RUA GARRETT, 33—LISBOA

Editorial

MOVIMENTO dá, com a publicação do presente número, a maior prova de vitalidade e esforço que jamais deu qualquer revista portuguesa.

Sem o auxílio dos grandes diários, com a repulsa até dos maiores que, por preço nenhum aceitaram a publicidade à nossa iniciativa, conseguimos nós levar a cabo o nosso intento.

Amparados apenas na nossa perseverança, nos nossos processos de trabalho honesto, na persistência do nosso trabalho colectivo, tentamos e conseguimos levar a todos os cantos de Portugal o nome da nossa revista.

Finalmente, após quasi ano e meio de luta constante contra as dificuldades nascidas da exiguidade do meio em que vivemos e contra essas outras dificuldades, infinitamente mais tristes e desencorajadoras, a luta desleal e mesquinha, a perfidiazinha oculta e reles, o trabalho de calúnia e combate, feito na sombra, anónimamente, sem nobreza e sem coragem, finalmente, após quasi ano e meio de luta constante contra essas dificuldades todas, MOVIMENTO encontrou o caminho da segurança e da vitória.

A nossa revista possui, agora, um público certo e fiel, um público nascido da nossa sinceridade e do nosso trabalho. A luta continuará, a-pesar-disso. Infelizmente vivemos num país em que ninguém pode subir sem ter de arrastar atrás de si o peso morto da rotina e da maldade.

Embora! O acôrdo que entre nós todos existe, nascido da nossa lealdade, da nossa confiança, da nossa amizade que muitos anos de convivência diária foram cimentando, mantem-se firme e presente.

A nossa revista continuará o seu caminho, caminho que tem amarguras, mas também tem alegrias.

MOVIMENTO nasceu do sonho de todos nós, criou-se pelo esforço de todos nós, viveu e firmou-se do esforço de todos nós. E nós aqui estamos e aqui estaremos sempre, firmes no nosso lugar, com a mesma confiança, a mesma coragem, a mesma fôrça e a mesma esperança do primeiro dia...

Fugiu do nosso lado, um dos melhores. A morte o levou, em plena fôrça da sua vida alegre e do seu talento formoso. A saúde da sua falta vive em nós, como no triste dia em que nossos braços de amigos o embalsamaram no seu último sono. Em nós viverá, enquanto vivermos.

Mas o destino dos homens, não é apiedarem-se—é caminhar em frente.

Seguiremos o nosso destino até ao fim!

A Direcção previne que MOVIMENTO suspende até ao dia 1 de Novembro. Nesta data aparecerá, com novo aspecto e novas fôrças.

Movimento

DO LIVRO "A B C" DO CINEMA

DE ANTÔNIO
LOPES RIBEIRO

PUBLICA-SE
UM CAPÍTULO

No tempo dos filmes mudos, estava na moda comparar o cinema e a música. Estabeleciam-se paralelos engenhosos. Realizadores cabotinos chamavam às suas próprias obras «sinfonias visuais». O dr. Paul Romain, Abel Gance, Germaine Dulac, deliciavam-se na utilização dum vocabulário híbrido e confuso. Léon Moussinac sonhava com uma notação cinematográfica baseada nos princípios da pauta musical, com notas, claves, compassos, pausas, andamentos...

Com o advento do fonocinema, perderam-se as ilusões. Aquilo — o cine mudo — já era cinema; mas o cinema não era só aquilo. Havia um campo ilimitado de descobertas a fazer, mesmo para além do registo dos sons. A côr e o relêvo também eram «cinematográficos». Moderou-se o entusiasmo exaltador da sétima arte. Prêgou-se menos e trabalhou-se mais.

No entanto, nem tudo se perdeu das litanias passadas. O falso paralelismo de processos que se estabelecera entre o cinema e a música (erro que se explica pelo facto de ambas as artes excitarem ao tempo *um único sentido*, vista ou ouvido) teve inegáveis vantagens de propaganda e ensino. Muitos melômanos e musicógrafos, seguindo o exemplo de Vuillermoz e de André Levinson, passaram a interessar-se por uma arte que, até então, só interessava aos fanáticos e a meia dúzia de artistas plásticos, valendo como bom artifício didático, conduzindo por caminhos errados a seguras verdades, arreigando utilíssimas convicções. Resultado idêntico ao que se obtém no ensino da Física, aproximando os fenómenos eléctricos dos fenómenos hidráulicos — sem confundir por isso a água com a electricidade.

Mas, *ao lado do cinema*, a música representou sempre um importantíssimo papel. Tão grande é, efectivamente, a afinidade dos sons e das imagens, que, desde as primeiras exhibições cinematográficas, em modestíssimos barracões de feira, um piano acompanhava a projecção dos filmes. A pouco e pouco, à medida que o cinema ganhava adeptos e perfeições, os exhibidores passaram do piano ao terceto, ao quarteto, ao sexteto, à pequena orquestra, de tal modo que o público já não dispensava a distração musical. Um músico — (o seu nome merecia figurar nos anais do animatógrafo) — lembrou-se certo dia de, em vez de tocar trechos ao acaso, executar um programa escolhido em conformidade com o «carácter» e com o «ritmo» das cenas que passavam no écran. Nasceu assim a «adaptação musical», que chegou a atingir notável perfeição, utilizando grandes orquestras sinfónicas, órgãos gigantes, e que acompanhava *pari passu* o filme projectado. Chegaram a compor-se partituras expressamente, e a completar com engenhos imitadores e rufos produzidos em perfeita sincronização com as imagens, o arsenal sonoro do espectáculo. O público delirava. Só os «cinéfilos puros», presentindo o perigo eminente (mudança brusca e total de orientação), protestavam, reclamando a visão dos filmes em absoluto silêncio. A sua ância de surpreender as leis da dramaturgia visual justificava plenamente essa atitude.

Porém, como já dissemos, o cinema não era só aquilo. A colaboração já imprescindível da música «viva» mostrava claramente a sua insuficiência como espectáculo. E, bruscamente, vigorosamente, proclamou a independência. Capturou os sons, impôs um alto-falante atrás do écran, e destronou a orquestra parasita que tentava acompanhar, balbuciando, a sua prodigiosa vivacidade.

Os primeiros «fonofilmes» — «O Cantor do Jazz», «Sombras Brancas», «Melodie der Welt» — foram obras de transição, em que pouco mais havia que a aplicação das regras da adaptação musical e um acompanhamento reproduzido mecânicamente. Mas o sincronismo perfeito que resultava do processo e, principalmente, a novidade das canções de Al Jolson *cantadas pela sua imagem*, bastavam para assinalar o gigantesco passo em frente.

Não vou fazer aqui a história do fonocinema, com as renhidas lutas intestinas que a sua aparição provocou entre os partidários, já numerosíssimos, da sétima arte, e em que os mais calouros, os últimos adventícios — os cristãos-novos da religião cinematográfica... — eram exactamente os que se mostravam mais renitentes em aceitar o incalculável progresso. Hoje a questão está morta e enterrada, — quasi esquecida. O fonocinema é apenas o cinema, o mesmíssimo cinema de sempre, no segundo ciclo da sua história, — que ainda tem muito e muito que contar.

Se é certo que a orquestra desapareceu dos salões, a música passou a desempenhar no cinema de hoje um papel imensamente mais importante. Em vez de se limitar a encher o vazio acústico da sala, mobilando o silêncio confrangedor; de se contentar com as funções de simples «acompanhamento», quando muito de «comentador» tiranizado pelo écran, que escravizava humildemente os seus ritmos ao ritmo visual, — passou a fazer parte do cinematográfico. Pode pertencer ao quadro, como «ambiente»; pode subir à categoria de figura, constituindo por si uma «atração»; e até pode gerar e dirigir o ritmo visual, como acontece em certos *Deseñhos Animados* (as séries de Max Fleischer, por exemplo), e em certos filmes fantásticos (nas chamadas «cine-operetas»), onde as imagens se limitam a «ilustrar» a partitura musical, submetendo-se, em vez de submeter, como sempre faziam dantes.

Eu próprio sonho com uma «música de palavras», capaz de ser compreendida universalmente, que dê ao fonocinema a almejada «unidade internacional» que o diálogo ainda não conseguiu dar-lhe sem o auxílio da legenda escrita ou a cumplicidade de espectadores que compreendam a língua das personagens.



VERÃO

Desenho de
CARLOS CARNEIRO

Nota sôbre o filme

DOURO, FAINA FLUVIAL

Um filme autêntico (não encontro outra palavra para melhor designar a sua pureza) — êste «Douro, faina fluvial». Essencialmente poético — mas revelando inquietações humanas de ordem social. Êste trabalho de Manuel de Oliveira pode classificar-se como um

poema, e *poema* mais que sinfonia. Não se trata, é bom notar, de um filme puramente emocional, mas sim de uma obra de fundo, até certo ponto intelectualista, nem de um documentário ou comentário, como lhe chamaram alguns criticos. Estas duas impressões, demasiado amplas, e generalistas, não podem sugerir a riqueza fecunda do filme.

«Douro, faina fluvial» é a vida de um dia, de todos os dias, surpreendida pelos olhos contemplativos e ao mesmo tempo prescrutadores do realizador desde o nascer do sol até ao poente (e o filme dá-nos o maravilhoso poético dêsse poente!) a vida do rio e dos homens que nêle trabalham, característica, própria, vincada à margem das outras vidas... Nasce o dia e recomeça a faina; tudo ali surge em movimento, no ritmo da azáfama e das horas que vão correndo; o trabalho começou — e cresce e a vida explude em acção, em fôrça e luta; serena, chegou a hora do almôço e do descanso — e há como que uma síncope. Depois, de novo, a faina volta..., a vida retoma a intensidade das primeiras horas do dia, até que o cansaço chega, os homens vergam e as pernas fraquejam, enquanto que na natureza, à volta, desce a calma e a solidão.

O artista-realizador, poeta, vai visuando os estados de alma, no homem e na natureza; os dois elementos decorrem fundidos,

em ritmos correspondentes, em permanente simpatia. Acompanhando-se nãs horas que deslisam, a vida do rio e a do homem penetram-se, completando-se.

«Douro, faina fluvial» aparece-nos assim como um filme de essência profundamente poética, mas — não é só isso. O filme abandona aqui e ali aqueles estados de alma de que falei, e aponta, frisa, marca, quasi discute, problemas de ordem social. Façam presente, na memória, os paralelos entre o trabalho do homem e o da máquina e veja-se se, de facto, não há ali dialectica social...

Filme de inquietação e significação...

Tôda a obra que significa é — e Manuel de Oliveira dá-nos uma obra de arte autêntica, pelo mundo de sugestões que provoca, emoções e ideas que desperta.

«Douro, faina fluvial», por isto (e mais que se reserva para um ensaio) é um filme vivo, pleno de intenções, que não é um álbum de fotografias...

Um filme que vive pelos elementos essenciais da arte: criação e expressão, neste caso, pela sua visão e pela sua montagem.

Rodrigues de Freitas



GARY COOPER

Os grandes astros do cinema raras vezes poderão dizer como Júlio César: «Cheguei, vi, venci...»
Em primeiro lugar a profissão daqueles que ven-

cem em relação ao número infinito daqueles que chegam é pequeníssima. Diariamente, se pode dizer, desembarcam em Hollywood, aos cardumes, pretendentes de



ambos os sexos, todos com as mesmas ilusões, os mesmos desejos de triunfo, as mesmas esperanças de glória. Esbarram logo de entrada com as dificuldades, não raro insuperáveis, de ingresso nos estúdios, onde os que logram ser admitidos começam desempenhando papéis secundários, de simples « extras », num anonimato obscuro, em que a maior parte fica para sempre numa situação apagada e mesquinha. Dêses alguns ao fim de largo tempo conseguem fazer-se notar, pelos seus méritos ou por simples caprichos do acaso. Confiam-lhes então papéis de maior responsabilidade, embora de terceira ou quarta ordem. Ainda dêses muitos ficam por aí. E só um número restrito se ergue ao primeiro plano e adquire foros de vedeta e renome internacional. Vejam quantas eliminatórias durante todo êsse trajecto. E considerem como foi longe, mortificante e trágica a odisseia dos que conseguiram vencer.

Vocês naturalmente julgavam que bastaria a um Gary Cooper, por exemplo, aparecer em Hollywood, com tudo aquilo que parece constituir as qualidades imprescindíveis de um bom galã, para que as portas dos estúdios se lhe abrissem de par em par e as Empresas se disputassem a honra (e o proveito) de o contratar. Pois não é assim. O próprio Gary Cooper já que falamos nêle, não escapou à regra geral. Vindo ao mundo em Helena, no Estado de Montana, a sua

infância decorreu tranqüilamente, naquela cidade, até aos 9 anos. Nessa idade foi na companhia dos pais para Inglaterra, regressando aos Estados Unidos quatro anos depois. Um dia sofreu um acidente de automóvel, que pôs em sério risco a sua saúde, que fôra de resto, até então, bastante precária. Obrigado a abandonar os estudos, foi levado pelos pais para uma herdade que estes possuíam nos arredores da cidade, e onde o nosso herói se retemperou durante dois anos, fazendo vida de « cow-boy », adestrando-se no manejo do laço e na arte de cavalgar tôda a sela. De aí seguiu para Grinnell, onde continuou a completar os estudos. Resolveu então dedicar-se ao desenho, para que sempre tivera especial aptidão. Conseguiu obter um lugar de caricaturista e desenhista num diário de Helena, onde trabalhou de 1914 a 1924. Fatigado da vida vegetativa e sem horizonte que ali era obrigado a levar, resolveu abandonar o emprêgo e passar para Los Angeles, cidade mais populosa e mais importante, e onde o triunfo se lhe afigurava mais fácil. Em Los Angeles, porém, a sorte foi-lhe adversa. Começou por solicitar um lugar num diário. O director recebeu-o affectuosamente e pediu-lhe que mostrasse ali mesmo, diante dêle, as suas habilidades de desenhista. Nada rezam as crônicas sôbre o valor da prova. Mas como se sabe, de ciência certa, que o pretendente não

foi admitido, concluíram com sagacidade alguns biógrafos, que ele não deve ter sido particularmente brilhante.

Desgostoso e desiludido dos seus méritos artísticos e não querendo implorar a protecção paterna, Gary Cooper lançou mão de vários expedientes para não morrer de fome. Foi, primeiro, angariador de anúncios, e, depois, agente de uma fotografia, onde o seu trabalho consistia em andar de porta em porta a solicitar clientela. Ao cabo de três meses de tão extenuante como pouco lucrativo modo de vida, um amigo sugeriu-lhe uma visita aos estúdios, onde nesse momento havia necessidade de « extras ». Gary Cooper perfilhou a ideia e conseguiu ser admitido. Um ano decorreu assim, durante o qual desempenhou papéis de figurante anónimo em mais de uma dúzia de películas (ponham aqui os olhos os nossos *artistas*) até que um dia, em 1925, o empresário Tiesler reparou nêlo. E assim começou o nosso homem a ser actor, desempenhando papéis de « cow-boy », para os quais como vimos, tinha uma excelente preparação. Nessa posição de segunda ordem esteve ainda muito tempo, passando mais tarde para a Paramount a convite de Schulberg, gerente desta Empresa. Fêz então alguns filmes, um dêles, com Clara Bow, em que obteve grande êxito. De aí em adiante a sua reputação pôde considerar-se firmada. Era na Paramount o primeiro galã para papéis de « cow-boy » nas películas do oeste norte-americano e nesse género não tardou em ser considerado um dos primeiros artistas de cinema. Desempenhou vários papéis em diversos filmes até que em certa altura, a Paramount resolveu tirá-lo daquele género e confiar-lhe um papel diferente em « Ruas da Cidade », ao lado de Silvia Sydney—, onde atingiu, pode dizer-se, o ponto culminante da sua carreira artística, que de então para cá tem sido uma série ascensional de triunfos.

Como veem, a glória da tela não se conquista facilmente. E por um que triunfa, quantos não ficam, impotentes e inutilizados, nos primeiros degraus?

Recentemente, Gary Cooper, que deve ter feito, como tôda a gente, muita tolice na sua vida, resolveu fazer mais uma: — casou. Da beleza e dotes físicos de Sandra Shaw, sua mulher, podereis ajuizar pessoalmente pela foto que acompanha este artigo. Embora seja grande pecado cubiçar a mulher do próximo, o autor destas linhas não se importava nada de substituir nesta

fotografia o famoso galã, se bem que em concorrência e perante o espelho reconheça que a pobre senhora não ficava nada favorecida com a troca.

Supomos também que a qualquer leitora nossa não seria desagradável ocupar o lugar da outra e estar neste momento a saborear os encantos conhecidos e desconhecidos de uma deliciosa lua de mel na sua granja de S. Fernando, nos arredores de Hollywood.

Uns e outros temos que perder as esperanças, porque os dois são, segundo se diz, felicíssimos. (O que não prova nada, aliás, em favor do matrimónio. Na lua de mel todos os casais são felicíssimos e por isso mesmo é que ela é de mel... Infelizmente, parece que na lua não abundam as abelhas. A provisão de mel correspondente a cada par esgota-se no fim de pouco tempo e a vida matrimonial começa logicamente a azedar...).

Numa entrevista concedida a um jornalista americano, Gary Cooper discorreu largamente sobre a felicidade que disfruta.

Gary Cooper, retocando um provérbio conhecido, afirmava mesmo em solteiro repetidas vezes: « Mais vale só que divinamente acompanhado ».

Afinal, casou... Prova-se que os homens, tanto em Hollywood como em Santo Tirso, são todos os mesmos.



A MINORIA CULTA

Está sabido: o mercantilismo apode-rou-se do cinema logo que este nasceu e entre suas mãos de ferro e aço, de unhas deliciosamente douradas, o apartará até o ver morrer. A não ser... Mas há-de ser assim, desgraçadamente há-de ser assim; a-pesar-que há quem, muito sensatamente, vaticina para antes a morte do opressor.

Se assim fôr—além de arte, o cinema passará a constituir uma necessidade imprescindível para os espíritos iluminados e para aqueles que precisam de luz. E então uns tantos sonhadores que hoje se arrepelam e vociferam diatribes contra a ignóbil sêde gananciosa que orienta a produção cinematográfica, deporão as armas e limparão o suor. Claro, simultaneamente afinarão a garganta, rouca de tanto berrar. Esses tantos sonhadores formam o magro número de intelectuais que se ocupa ou preocupa com esta coisa das fitas: constituem a decantada «minoria culta» que, organizando um plano doutrinário de ataque, pretende a substituição revolucionária (alto lá, senhores conservadores, isto nada tem de subversivo) da actual exploração de cinema por uma outra, elevada e refinadamente artística, que nos dê, enfim, com farturinha o tal delicioso pão do espírito.

Muito bem!

Todos nós nos orgulhamos com os sórdidos pastelões (o termo é, creio eu, do camarada Fernando Barros) que os produtores nos servem com um cuidado e uma abundância dignos de melhores estômagos; não há ninguém que não conceda que o gosto fácil e infantil das ignaras massas do público foi explorado de modo vil, atroz, mesmo, pelos homemzinhos das fitas do lado de lá do Atlântico; sim, senhores, todos concordam que o cinema, se atingiu culminâncias de grande arte quapto à *forma*, raza comunmente por uma mediocridade arrepiante quanto ao *fundo*. Resumindo: é opinião de todos aqueles que vêem inteligente e carinhosamente os assuntos cinematográficos, que a arte hollywoodense (como diria o Camilo de Vasconcelos) está sendo sacudida por crise terrível, que alguns supõem mortal — e que não tem origem em escassez de aptidões pròpriamente técnicas, mas sim, iniludivelmente, na falta quasi absoluta de argumentos equilibradamente arquitetados que sirvam o fim superior e humano para o qual a cinematografia foi criada.

Ora devassando com profundesa e decisão os antecedentes do mal corrosivo, conclue-se (senhores da «minoria culta», penitência!) que êle mergulha raízes na indiferença, melhor, no desprezo solerte

dos impávidos intelectuais, prêso por teias de aranha e preconceitos artísticos que vêm esticando-se desde o tempo dos amigos gregos. Qual a criatura com umas tinturas de latim e famosos conhecimentos da vida do Sr. Carlos Magno, que se atrevia, há uns dez anos atrás, a encarar com sisudez, públicamente, o extraordinário poder artístico e social, mal revelado ainda, da maravilha cinematográfica? Ninguém ia «na fita»! — por receio e por decôro mental. Quere dizer: no seu dealbar confuso e incerto, quando màgnificamente se prestava a quaisquer transformações e directrizes, a arte do cinema contou sòmente com o amparo dos industriais utilitaristas e do público infantil e analfabeto: As pessoas cultas e dignas — essas aguardavam o aparecimento milagroso de «Os Nibelungos», «A Químera do Ouro», «O Último dos Homens», para se pronunciarem enfáticamente: — Sim, a arte cinematográfica...

Mas a tendência artística (!) do público fiel e sincero que enchia as «burras» rotundas dos produtores, estava bem marcada. E os arrivistas de há pouco barafustavam então berrando anojados: — Porcaria... Venham películas de tessel

Portanto, senhores da «minoria culta», a culpa, a feia culpa é toda vossa. Cumpre-vos fazer acto de contrição e tentar evitar a catástrofe — mas nunca com a execução do plano revolucionário de fazer a substituição brusca do cinema burguês, inferior, pelo cinema elevado, de teses sociais que proponham e resalvem. Suponham que seria a produção cinematográfica preenchida de repente e exclusivamente por «Poils de Carotte»!

Primeiro que tudo, e por agora, impõe-se a necessidade duma vigilância atenta, pelo futuro do cinema, que não é, decididamente, prometedor. Ora a indústria cinematográfica é sustentada por todo o público menos por aquele que constitui a «minoria culta». O que está, pois, racionalmente, indicado, é a produção variada de filmes que, aliadas a uma finalidade superior e a um imprescindível cunho artístico, possuam as qualidades de filme-espectáculo ou, o mesmo é dizer, de filme-comercial, que é, ao fim e ao cabo, o que atria a multidão à bilheteira.

Esta, sem torções nem desvirtuamentos, é que é a verdade.

Grandão Rodrigues

PUBLICA-SE O ARGUMENTO DO FILME

Distribuição

GADO BRAVO

Branca NITA BRANDÃO
Nina OLLY GEBAUER
Mariana MARIANA ALVES
Manuel Garrido . . . RAUL DE CARVALHO
Artur ARTUR DUARTE
Jackson SIEGFRIED ARNO
Pascoal ALBERTO REIS
Joaquim ARMANDO MACHADO
O taberneiro JOSÉ SANTOS
O dono do Cabaré . . RUY DA SILVEIRA

ARGUMENTO

No Campo Pequeno, por uma tarde de sol, uma multidão em delírio aplaude um cavaleiro tauromáquico: Manuel Garrido, ídolo dos aficionados portugueses, verdadeiro fenómeno do toureio, que embaciara a fama dos melhores.

Para duas pessoas, o triunfo de Manuel Garrido é ainda mais grato e mais notável: Artur Fernandes, o amigo de sempre, o apoderado dedicadíssimo, e sua irmã Branca, noiva do Cavaleiro. E, para Manuel Garrido, nenhum trofeu é mais valioso que a rosa vermelha que a noiva lhe atirou...

Os três jovens encontram-se no camarim de Manuel. Artur, para quem a carreira de Manuel Garrido é mais interessante que os seus amores com a irmã, combinara para aquela noite uma ceia no «Paraiso», um cabaré elegante de Lisboa, na companhia de jornalistas portugueses e espanhóis. Porque a fama de Garrido atravessara as fronteiras, e as praças de Espanha faziam-lhe propostas tentadoras.

Quando o cavaleiro e o seu apoderado entram no «Paraiso», o gerente recebe-os como príncipes. Reservara-lhes a melhor mesa e o melhor champanhe. No palco, cantando uma valsa maliciosa, uma linda mulher atrai as atenções: Nina, a famosa artista vienense, que virou o miolo à rapaziada estroina de Lisboa.

Mas toda a gente reconhecera Manuel Garrido. E as mulheres, mais sensíveis aos encantos másculos do cavaleiro que à beleza de Nina, provocam uma manifestação. A valsa é interrompida por vivas e aplausos ao «grande cavaleiro português». Os quatro pianistas que acompanhavam Nina, são obrigados a tocar, em honra de Manuel, a Marcha dos Toureiros, que toda a sala entoava em cântico...

Furiosa com semelhante desconsideração, Nina abandona o palco. Jackson, o empresário da cantora, em vão procura consolá-la daquela sensaboria. Nina continua irredutível. Era demais! Já bastava a visita inesperada de Tommy, um bailarino pouco escrupuloso com quem tivera relações, e que, além de lhe extorquir constantemente dinheiro, exigia agora, ameaçando-a, que ela voltasse a viver com ele! Não estava para sofrer tais humilhações. Ia-se embora, rompendo o contrato, rompendo tudo!...

O gerente tomara uma atitude para com o pobre Jackson!

—Faça como quiser. Mas torno-o responsável por todas as consequências!

E saíra, batendo a porta.

Com o seu ar de quem já viu coisas piores, Jackson começa a emmalar, resignado, o luxuoso guarda-roupa de Nina.

—Que estás tu a fazer?
—Estou a fazer as malas...
—Não faças. Resolvi cantar. Quero ver mais de perto esse Toureiro...

Quando Nina entra na sala, o silêncio é profundo.

O encanto da sua voz concentrava de novo sobre ela as atenções de todos. O tango, que ela canta em português, com um delicioso «accent», comove todos os corações:

A cantar e a sorrir
A minha vida
É' uma cruel canção
Já bem ouvida...

Sentada sobre o piano, Nina parece uma visão sobrenatural. É a majestade com que desce à sala impressiona...

Dei-me ao prazer e afinal
Através dêle a alma vê
Na morte a grande certeza
E nela ninguém crê...

Nina é realmente linda! O próprio Manuel Garrido é dessa opinião.

Vamos atrás da ilusão
Dum lindo olhar que se viu.
Mas êsse olhar adorado,
Fixou... Beijou... Partiu...

Nina distribui rosas pelos espectadores. Aproxima-se de Manuel...

E por mais que a tristeza queira
Transformar o nosso desejo,
Êle teima, e vai buscando,
Até que encontra um novo beijo...

Nina oferece uma rosa a Manuel. Mas, antes de lhe dar, bate-lhe com ela na cara...

Põe os teus olhos nos meus
A tua boca nesta flor...



Na cara de Manuel, um espinho fizera brotar uma pérola de sangue...

Divino aroma que mata,
Amor... Amor... Amor...

Irrompe uma formidável ovação. Artur diz para Manuel:

— Na arena, os touros nunca conseguiram tocar-te... Aqui, bastou uma mulher para te ferir...

Manuel Garrido encolhe os ombros — e aplaude como os outros.

No Ribatejo, a vida é bem diferente da vida da cidade. Os homens são melhores, mais corajosos e mais fortes. O seu convívio com a terra, de sol a sol, torna-os mais rijos e mais castos. Os touros ensinam-nos a ser nobres e leais.

Manuel Garrido faz a costumada visita matinal às suas propriedades. Todos o cumprimentam: os que trabalham nas eiras, debulhando o trigo, debulhando a fava, ao trote certo das éguas fogosas; os que lavram a terra; os que passam em ranchos, sobre combóios minúsculos, a cantar...

Anda o sol nos laranjais
Doirando a flor do noivado.
Dizem que morres por mim,
Mas olha que eu sou casado...

Mas olha que eu sou casado,
Trigueira da rua nova.
Quem não viu o Ribatejo,
Merece bem uma sova!...

O sol doira a lezíria e o montado.
Montando a cavalo, Manuel atravessa os campos, a galope.

Artur espera-o no curral com os campinos:

— Já escolhi os touros que vais correr na tua festa. Queres vê-los?

A ordem de Artur, os campinos apartam os touros da manada.

— Bonitos bichos, hein?

— São meus, e basta!...

Manuel Garrido tem razão para se orgulhar dos seus touros. Lindos de estampa, possantes, puros, são considerados os melhores touros de combate de todo o Portugal.

A duas léguas dali, Jackson, o empresário de Nina, procura orientar-se com o auxílio dum mapa, dum bússola e dum guia automobilístico, no labirinto complicado dos caminhos ribatejanos. Nina está junto d'ele, tirando fotografias. Jackson retoma o volante. O automóvel segue a sua marcha através dos campos sossegados.

Mas o sossêgo da lezíria é passageiro. Num abrir e fechar de olhos, o automóvel é rodeado por vacas bravas. Jackson não ganha para o susto. Uma marcha-atrás precipitada — e o automóvel corre o perigo de se despenhar por uma ribanceira.

Manuel Garrido assistira ao acidente. Instantes depois, estava junto do automóvel, ajudando Nina a descer.

Nina demorara em Manuel os seus grandes olhos claros, admirados:

— O senhor?... Parece-me que já o vi...

— Também a mim...

E Manuel levava a mão à cara...

Nina sorri...

— Os seus touros não sabem receber uma senhora...

Manuel sorri também, e ri depois, com a aparição inesperada de Jackson, que surge dum pirâmide de malas e caixas de chapéus. Fazem-se as apresentações. Nina e Jackson dirigem-se ao Buçaco, onde vão descansar uns dias, entre dois contratos. Manuel Garrido oferece-se para lhes mostrar o caminho, cavalcando à estribeira do automóvel.

No caminho passam pela casa onde mora Manuel — uma vasta propriedade, com um solar rodeado de jardins magníficos, pátios, cavalariças, todo o estadao dum grande lavrador ribatejano. Manuel convida-os para tomar com êle um cálice de Pôrto. Nina e Jackson aceitam.

No jardim, as relações dos três tornam-se mais estreitas. O agradável momento é ainda valorizado pela aparição de Pascoal, um homem que foi alguém, mas que uma mulher atirou para a miséria e para o vinho. Agora vive de esmolos, a cantar. Manuel pede a Pascoal que cante, para que os seus hóspedes ouçam a sua linda voz. E Pascoal músico e poeta admirável, canta o fado...

Eu também fui cavaleiro,
Também brilhei nas touradas,
Mas hoje apenas me encanto
No choro das guitarradas.

Sem se preocupar com a canção, Jackson esvasia copos sobre copos. A última quadra do fado é como um vaticínio...

No vinho, tenho tentado
Esquecê-la inteiramente.
Mas a mulher aparece
Para dar cabo da gente...

O que Jackson conseguiu esquecer inteiramente, bebendo vinho de Porto, foi a arte de conduzir um automóvel... A tal ponto que Manuel aconselha Nina a não seguir viagem. Ficarão ambos em casa d'ele, durante aquela noite...

Mas Manuel não lhe faz companhia. No muro dum propriedade visinha, Branca espera por êle, impaciente:

— Fizeste-me esperar tanto tempo, Manuel...

— Não pude vir mais cedo. Tenho hóspedes na quinta. Uma cantora e o empresário...

E os dois noivos fazem as mais risonhas promessas de amor...

Quando Manuel regressa a casa, Nina ainda está a pé, linda e perturbadora como nunca. Da varanda para que dá o seu quarto, fala com Manuel. Não muito longe, um namorado canta debaixo da janela da dona dos seus cuidados...

Nina tem um sorriso malicioso:

— E' um país romântico, o seu... Porque não me faz também uma serenata?...

— E' já muito tarde... O trabalho amanhã começa cedo... Nós, não somos só românticos...

E enquanto Jackson se debate com um pesadelo complicado, em que intervêm touros e guitarras, Nina sonha com o vigoroso e indiferente Manuel.

Na manhã seguinte, Artur e Manuel assistem, no curral, à movimentada operação do laçamento dum touro. Artur pergunta:

— Olha lá: os teus hóspedes ainda cá estão...

— Foram-se embora esta manhã!



A aparição de Nina, a cavalo, desmente categoricamente a afirmação de Manuel. Nina resolvera ficar. Decididamente, Manuel Garrido interessava-a... E não lhe é difícil, apesar do gelo que Artur deita sistematicamente na conversa desafiá-lo para uma corrida.

Vermelhos, ofegantes, os dois jovens só param na clareira dum bosque, a muitos quilómetros dali. Manuel ajuda Nina a descer do cavalo. A pulseira de Nina prende-se num botão da jaqueta do cavaleiro. É uma cadeia de ouro, com um treze.

— O meu talisman. O 13 dá-me sempre sorte...
Quere ficar com ela, Manuel?

E antes que ele responda, Nina prende-lha num dos pulsos...

— Nunca se separe dela, não?

O embaraço evidente de Manuel diverte a rapariga.

— Tem medo que a sua noiva não goste, quando o vir?

A resposta é decisiva:

— A Branca sabe como eu gosto dela...

— Sabe realmente?

— Não tem qualquer razão para duvidar.

O despeito de Nina é tão visível como, há pouco, o embaraço de Manuel...

— Voltemos para trás, sr. Manuel Garrido.

E, sem trocar mais palavra, Nina e Manuel voltam para trás...

Jackson, no entanto, não perdia tempo. Travava relações com Mariana, uma linda e risonha rapariga, que encontrara a lavar roupa no rio, cantando com as companheiras. E apaixonara-se.

A cachopa também não eram indiferentes os olhos daquele senhor tão fino e tão engraçado. Mas o pior era o noivo, o Joaquim, um latagão forte como um touro e bruto como as casas. Em todo o caso, isso não queria dizer que não aproveitasse a paixoneta de Jackson para o fazer levar à cabeça a trouxa da roupa branca...

Na quinta onde moram Branca e Artur, a noiva de Manuel procura saber pormenores acerca da cantora estrangeira que está hospedada em casa do cavaleiro. Artur em vão procura sossegá-la. Ela bem sabe como o Manuel é leal e como gosta dela...

Branca bem sabe. Mas o seu coração de mulher parece preveni-la...

Branca não tem razão. Embora a trate com a mais fidalga delicadeza, Manuel não se deixa prender dos encantos de Nina.

O mesmo não sucede aos espíritos simples que os rodeiam.

Os homens que trabalham na quinta começam a reparar demais naquela mulher loira, tão linda que parece uma estampa, e que canta como um anjo...

Um dia, depois duma rápida troca de palavras, dois homens pegam-se à pancada, de varapaus em punho. Um campino corre a prevenir Manuel Garrido:

— Venha depressa, patrão Manel, que eles matam-se!...

— Quem?

— O Zé e o Pedro. Pegaram-se por causa da *francesa*...

Só Manuel consegue separá-los. O cavaleiro descompõe-nos e despede-os. Mas ele bem sabe de quem é a culpa.

E disposto a acabar com aquilo por uma vez, vai procurar a causadora daquela luta inútil.

— Preciso falar-lhe.

Nina sorri. Manuel está nervoso, preocupado.

— Não julgue que, por ser homem do campo, não sei receber gente em minha casa. Mas... seja como for: é preciso que se vá embora!

A surpresa de Nina exaspera Manuel. Então ela não vê que põe a cabeça doida àqueles homens simples? Então ela não compreende... que é bonita demais?...

— Muito obrigada pelo galanteio...

— Não julgue que é um galanteio!

A resposta de Nina é uma chicotada:

— Percebi perfeitamente. Desde a primeira vez que



o vi, no «Paraiso», vi logo que as suas maneiras não são das melhores. Sabe lidar com touros... mas não percebe nada de mulheres.

E Nina faz a Manuel uma imprevista confissão, que só o facto de ser obrigada a partir a leva a fazer-lhe: esteve apaixonada por ele, apaixonada a valer. Foi por essa razão que quiz ficar na quinta, contra a vontade e os conselhos de Jackson. Mas tudo isso passou. E sentese feliz por ter tido juízo.

Manuel, confuso, envergonhado, sai sem nada dizer...

Naquela noite encontram-se de novo, na varanda. Há luar. Nina sabe encontrar as palavras que perturbam. Dá-se o inevitável. E Manuel, esquecendo Branca, esquecendo tudo, entrega-se ao delírio daquele amor.

Os amores de Jackson não vão tão bem como os de Nina. Certo dia em que lavava a roupa no rio (Mariana sabia aproveitar bem a condescendência do seu incrível namorado...), junto da lavadeira dos seus encantos, entra-lhe uma rã para dentro da camisa. Obrigado a despir-se, é surpreendido por Joaquim, o noivo de Mariana, quando se encontra nada mais nada menos que em cuecas. E começa uma terrível perseguição.

Jackson não encontra melhor sítio para se esconder que uma jaula de touros bravos. Mas a jaula está ocupada!... O bicho salta atrás do pobre Jackson. Tôda a aldeia é alarmada. Organiza-se nas ruas uma verdadeira tourada. Jackson recorre a um stratagem: disfarça-se de varina. E embora Joaquim acabe por reconhecer-lo, lá consegue escapar.

Tôda a aldeia comenta desfavoravelmente os amores da estrangeira loura e do patrão Manuel. Artur, enfado, já não consegue sossegar a irmã.

O mais aceso inimigo de Nina é Pascoal que não quer que o seu amigo siga o mesmo caminho que ele seguiu por um motivo semelhante. E inventa uma canção em que põe a mulher pelas ruas da amargura. Na taberna, todos a cantam com ele, em câro, entre copos de vinho e gargalhadas...

Mas Manuel, que passa por ali, ouve a cantiga. E ameaça-os a todos, chamando-lhes corja...

Passados os primeiros momentos de surpresa, todos reagem. É preciso que Manuel Garrido compreenda que tudo aquilo é feito para bem d'ele.

— Tantas vezes lhe havemos de cantar esta cantiga aos ouvidos que ela há-de perceber que está aqui a mais.

Branca resolveu procurar Nina e falar-lhe. Entre as duas mulheres trocam-se explicações definitivas. E Branca prova que é a mais forte, porque só ela ama verdadeiramente Manuel — e também sabe ser mulher.

Através dos campos, com Pascoal à frente, de guita em punho, o povo da aldeia canta a injuriosa canção...

Nina é uma mulher vulgar,
Sensaborona,
De cabeça no ar.
E quer ser dona
Do Manuel Garrido!...

O bando cada vez é mais numeroso, mais ameaçador...

Nina, qualquer a tem porque se entrega
Se alguém lhe pede um beijo,
Nunca o nega
E engana o marido!

Do quarto, Nina e Manuel ouvem os versos ofensivos. Nina está lívida:

— Consentes que me insultem assim?
Manuel tem um movimento de cólera:
— Descansa que nunca mais te faltam ao respeito!
E, sózinho, corre-os a todos, com dois berros...
Pascoal e os companheiros afastam-se, tristonhos.
Manuel Garrido está cego. Não pode perceber...

A fúria popular descarrega-se sobre o pobre Jackson, que ia a entrar na quinta nesse instante. Apavorado, Jackson procura convencer Nina a fugir, a voltar para Lisboa.

— Não ouviste o que eles dizem?... Vamo nos embora!... É melhor para todos.

— Mas eu gosto do Manuel!
Jackson encolhe os ombros:
— Bem sei: como de todos os outros...
O olhar de Nina perde-se no espaço...
— Talvez tenhas razão...

Artur também quiz falar com Manuel. Invocando a velha amizade que os ligava, procura levá-lo a abandonar Nina, enquanto é tempo. Manuel não está disposto a ouvir conselhos nem sermões. A conversa, azeda-se... Mas Manuel não pode, não poderia, ainda que quizesse, lutar contra a atracção daquela mulher. E' mais forte que a amizade, que a fidelidade, que a vontade... Mais forte que tudo!

Artur não tem ali mais nada que fazer...

Quando Manuel entra no quarto de Nina, o quarto está vazio. Tudo indica uma fuga precipitada.

Manuel sai a correr. No pátio, um criado diz-lhe que a senhora e o outro senhor partiram de automóvel, em direcção à aldeia. Montando a cavallo, Manuel segue para lá, como um louco. Pascoal, que, está, como sempre, à porta da taberna, diz-lhe que o automóvel seguiu em direcção a Lisboa... Manuel parte a galope. Pascoal ainda lhe grita:

— Deixa-a ir!... Não vale a pena! As mulheres são tôdas iguais...

Mas Manuel já não ouve, já não quer ouvir mais nada. Galga léguas e léguas. Em Vila Franca salta para o primeiro combóio...

Uma vez em Lisboa, Manuel Garrido, anda tôda a tarde, de hotel em hotel. Em tôdas as esquinas um cartaz anuncia para o dia seguinte, em grandes letras, a sua festa artística...

Manuel consegue descobrir Nina num hotel. Quando entra no quarto de Nina, alguém se esconde atrás dum reposteiro...

— Porque te foste embora?... Esqueceste as tuas promessas?

Nina responde com cinismo:

— Nunca te prometi fôsse o que fôsse...

— Já não gostas de mim?

Nina continúa impassível:

— Nunca te disse que gostava de ti.

Manuel perde a cabeça. Implora e ameaça. Mas Nina, secamente, convida-o a sair:

— Eu sempre disse que és um grosseirão incapaz de lidar com mulheres. Não temos mais nada que falar!

No corredor, Manuel Garrido cruza-se com Jackson. O empresário lê na cara de Manuel o que acaba de passar-se.

— Não faça caso! Ela é assim para todos, para tôda a gente...

Manuel nem lhe responde.

Nina também não responde quando Jackson bate à porta do quarto n.º 22.

Nina está morta... Assassinada!...

Jackson sai precipitadamente, gritando por socorro!...

Artur inquieta-se com a ausência de Manuel.

Aproxima-se a hora da corrida. Todos os bilhetes estão vendidos. E' a melhor receita da época!

Falta só meia-hora e nada!

Artur finge que Manuel já se encontra na arena. Mas um amigo vem dizer-lhe que o viu longe dali, transtornado, na taberna do Baltazar...

Manuel Garrido, para esquecer, bebeu até se embriagar. Escavacou um aparelho de rádio que transmitia um disco em que estava gravado o famoso tango:

Dei-me ao prazer e afinal
Através d'ele a alma vê
Na morte a grande certeza
E nela ninguém crê...

Na mão da vítima, a polícia encontrara uma pulseira de ouro, com um treze.

Jackson conhecia aquela pulseira. O assassino só podia ser Manuel Garrido, que êle encontrara no corredor pouco antes de ter descoberto o cadáver de Nina. E' dada imediatamente ordem de prisão.

Artur encontra Manuel na taberna. Suplica-lhe que vá para o Campo Pequeno.

— Não vou! Não toureiro mais!...

Artur arrasta-o para um táxi. Procura reanimá-lo.

Enfia-lhe a casaca, atira-o para cima do cavallo.

Começam as cortesias. Manuel não dá acôrdo de si, não corresponde aos aplausos delirantes da multidão. A polícia aparece na praça, para o prender. O empresário suplica que esperem pelo fim da corrida.

Sai o primeiro touro. Manuel não pode tourear pior. Deixa cair os ferros, fugir o cavallo... O público assobia-o.

Do exame médico-legal conclui-se que a punhalada que vitimou Nina só pode ter sido dada com a mão esquerda...

Jackson solta um grito:

— Manuel Garrido não é o assassino! E' o canhoto, o bailarino Tommy, um antigo amante de Nina!

Manuel Garrido vê, numa barreira, a expressão suave de Branca, a sua noiva, a mulher que o ama verdadeiramente. A sua cara transfigura-se. Apruma-se no cavallo. E mete um ferro lindo.

A multidão delira.

E' o triunfo!

Num pequeno quarto do hotel, o bailarino Tommy é abatido pela bala dum polícia.

Manuel Garrido obtem a mais retumbante consagração. O público aclama-o em delírio!

... Tal como os seus campinos, no adro da linda igreja ribatejana, o aclamam quando êle sai, com Branca pelo braço...



Gene Raymond é talvez um dos melhores galãs jovens da América. Lembram-se dos filmes em que já o viram?... *Revolta das Feras, Damas do Presídio, Eu sou Susana*. Esta fotografia foi escolhida por aclamação, para agradar às nossas leitoras. Se nos enganamos, perdoem-nos e digam quem desejam ver no próximo número.

A arte,

De tôdas as formas porque a fôrça se exerce: aquela que pretende subordinar a arte e o artista é, sem dúvida, a mais detestável.

Como poderá a arte, dominio da fantasia e do sonho, submeter-se às exigências dessa coisa incolor, sem imprevisão, mecânica?...

Evidentemente que se cava entre a arte e a fôrça, que representam dois mundos diferentes e diametralmente opostos — um abismo enorme. E êsse abismo é inevitável.

Vejam: A arte é a mais variável modalidade da vida. Em arte, nada repousa: ela representa tudo o que na vida há de mais vivo, de mais humano, de mais livre. A arte segue sempre na vanguarda do pensamento humano, modificando sem cessar os seus pontos de vista — sem se poder deter a contemplar uma tradição ou subordinar-se a uma estática determinada e fixa.

A arte é, em cada época, o padrão marcante do mais alto grau da liberdade e da sinceridade dos homens que nela vivem. Assim, é impossível que ela se subordine a regras fixas. Só obedece às regras o artista a quem falha a inspiração e o génio.

O artista luta, debate-se e sofre para que a sua obra traduza a sua maneira de ser. Isto lhe dá a sua personalidade e o faz distinguir do cabotino vulgar.

Por outro lado, a fôrça emprega todos os seus meios (inclusive os meios políticos quaisquer que êles sejam, mesmo os que aparentemente pretendem proteger a arte) para impedir esta obra heroica. Assim a fôrça actua sôbre o artista obrigando-o a certos preceitos e tendências, impondo-lhe uma estética de Estado, em relação com uma moral, uma religião e uma política determinadas. Ao mesmo tempo, actua sôbre o contemplador da obra de arte, pondo-o em presença duma nova concepção da vida e das tradições, diferente das que êle encontraria quando interpretasse a arte livre e sincera — emanada do individuo livre de dogmas.

Notemos, porém, que o artista, mesmo aquele que aborda determinados assuntos, como por exemplo, as taras da sociedade burguesa, nunca exprime na sua obra um conceito moralista. Pelo contrário, êle apenas nos pode prender pela beleza que emana da sua obra.

Mas se o mesmo assunto fôr tratado por um artista oficializado, um artista contractado, êle, em vez de fazer uma obra de arte, vai fazer uma obra moralista, duma banalidade enervante.

Dêste modo, o artista sincero, não procurando senão a beleza, obtem, apenas por ela, um efeito dominante sôbre o contemplador-esteta que assim se sente elevado e libertado, enquanto o artista arregimentado usa, unicamente, processos mediocres.

A fôrça é inimiga da arte — e o seu fim, ao servir-se dela, é imobilizar as inteligências, quebrar as personalidades e tornar os individuos dóceis para o mais pequeno esforço.

Muitas vezes, a meio do seu trabalho, põe-se ao artista esta questão: porque não obterei eu esta beleza, que passa da minha obra para o espirito do homem que depois a admira? Diz Lacaze Duthiers, de cujos esboços criticos extrai a linha geral dêste

artigo, que se dá entre o artista e o contemplador uma aproximação fraternal na mesma concepção da vida, independente de tôdas as

a crítica

e a fôrça

sugestões. Dêste modo o artista romperá com o meio, com o Estado, e com a tradição e dedicar-se-á, inteiramente, à sua arte, não tendo outro mestre senão êle próprio. Deu-se, assim, o primeiro passo para um critério de beleza, sem o qual não haverá obra de arte durável. Depois, o artista que não pode alcançar logo a perfeição, modifica a sua técnica, corrige a sua obra, retoca-a — e recomeça-a sempre que não se sinta satisfeito. Esta inquietação, êste drama interno, que é desconhecido dos mediocres, é o sinal de que se está no caminho da verdade estética.

Os outros... Mas quem são os outros, afinal? Aqueles que apenas procuram substituir a arte, a quem só interessa satisfazer o cliente.

Temos que reconhecer vários critérios para analisar a beleza duma obra de arte: a sinceridade com que o artista interpreta a dor e a alegria; a vida que o artista imprime à obra de arte — embora passando sôbre as regras que fazem dela uma obra dita equilibrada; e a harmonia da intenção e da expressão dêste intento para que não vá cair na mediocridade uma obra que o artista concebe com um fim elevado e generoso.

Em face dêstes critérios, põe-se um novo problema ao artista e ao contemplador: É possível que a técnica exista sem a vida? Na criação duma obra de arte não devem ser associadas estas duas fôrças?

É indiscutível que uma obra artística superior é aquela na qual se correspondem a intenção e a execução. Em presença de obras que consigam êste «desideratum», o contemplador sentir-se-á emocionado, a não ser que êle seja totalmente estúpido.

O homem que admira uma verdadeira obra de arte não se detem, nem tem tempo para analisar a sua emoção: a própria obra impôr-se-á ao seu espirito e procurará nêle as sensações. Como no amor — o objectivo e o assunto fundir-se-ão. O artista e o contemplador compreendem-se então através da obra de arte que aquele realizou para êste admirar.

Pobres daqueles que não se emocionam que não são tocados pela beleza duma obra de arte. Pobres daqueles que não compreendem que mais alguma coisa existe, para além dos apetites mais ou menos disfarçados de meia dúzia de senhores que escravizam uma pobre humanidade eternamente insatisfeita na busca da felicidade...

Perante esta aproximação entre o artista e o admirador, o papel do critico será iniciar os individuos nas obras da arte não sistematizadas, nas que

escapam às classificações e coloca-los, fora das estéticas tradicionais, em presença dos verdadeiros autores de todas as épocas, educando-lhes a sensibilidade e reformando-lhes o seu juízo, muitas vezes errado por artificiosismos inúteis, sobre o valor duma obra de arte.

O crítico, que será artista e sábio, pois actuará pela inteligência e pelo sentimento, tem ainda de procurar as leis canónicas, imutáveis e subtis da beleza através das várias manifestações artísticas.

Disse Óscar Loilde que o crítico é um mestre e um conselheiro amigo. Disse Lacaze Duthiers que a crítica era a mais alta forma da contemplação artística. Discordo de ambos: o crítico pode substituir a larga cultura e a larga inteligência pela intuição artística e pela sinceridade da opinião. Nem mestre, nem amigo. O crítico dirá o que pensa e apenas procurará que o seu leitor se liberte da parte artificial do seu pensamento próprio para que a emoção da obra de arte o impressione, sem ele se importar se o artista é «boa pessoa», se aquilo poderá «parecer mal» a alguém, se a exposição ou a exibição é feita em sitio apropriado, se o artista é digno de consagração, etc., — isto é, mostrará a sua opinião sobre a obra e indicará o caminho para alcançar a sua beleza.

Evidentemente que a obra de arte produz sobre os individuos emoções diferentes. Entretanto, é quasi certo que estas diferenças emocionais proveem das preparações estéticas dos individuos serem também diferentes de homem para homem.

Na origem da inteligência e do pensamento o homem ama a arte e é emocionado por ela: um pastor e um homem culto colocados numa serra em frente dum lindo poente — são ambos tocados pela sua beleza. Se os dois entrarem depois num cinema ou num museu, as sensações serão diferentes, porque o inculto não pode, de momento apreender uma obra que é constituída pelo «substratum» do progresso e da técnica de dezenas de anos.

O crítico é pois necessário como descobridor da arte para o contemplador. Ao inculto e ao culto precisa saber mostrar onde está a beleza. Pode juntar-lhe a sua opinião, mas não tem o direito de a meter aos outros como lição de mestre — «magister dixit» — deixando o público na mesma situação no campo da emoção artística, porque não lhe explica porque é que ele compreendeu assim.

São pois precisos criticos conscientes da sua missão. E só com uma boa critica seria possível aniquilar a nefasta acção da força em matéria de arte.

Esta força subordina o artista moral, social e politicamente. Começa por fazer da arte veiculo de ideas mortas, tornando interdito ao artista abordar certos assuntos por serem imorais — oficialmente. É preciso descrever o mundo das pessoas «que pensam bem» e esconder as cenas «licenciosas» que a tal moral reprovava. É claro que o artista, em face duma mentira imposta, agita-se num circulo vicioso — e esta confusão da arte com a moral torna-se um verdadeiro manual para cidadãos inconscientes e inorganizados.

São inúmeros os artistas a quem a burguesia levantou estátuas depois de ter martirizado em processos estúpidos que tem chegado a ir aos tribunais — tudo em nome dessa moral que apenas

pretende que os inimigos tenham um pensamento uniforme e uma acção idêntica.

A arte não tem nada que ver com a moral. Muito menos com a politica que é uma manifestação de actividade humana sem personalidade e movida, em geral, por egoismos.

Quando se elogiam os beneficios da força dirigida em matéria artística e o seu desejo de conservar as «leis eternas da arte» — devemos sempre descobrir os fins dessa acção que, de resto, é sempre estéril. A força não actua sem um fim preconcebido. Se o seu desejo fôsse fazer amar a arte, não seriam consentidas ruínas nos museus, nem nos monumentos, não se faziam perder os panoramas artisticos pelos desejos endinheirados de cada um, não se inutilizariam os melhores espiritos de artista apenas porque não pensam de determinado modo ou lhe repugnam determinados processos.

Por outro lado, os Estados só raramente dão, por intermédio dos seus governos, os verdadeiros lugares ao ensino, à cultura e à actualidade artística. Os trabalhadores intelectuais são, em geral, desviados para planos secundários: assim, o museu, o laboratório e a biblioteca não constituem, como deviam, campos de actividade e produção cultural. Em frente da força e do «parecer mal», os Estados prejudicam quasi sempre os artistas para, em nome duma moral sofismável, empregarem todos os meios que façam cessar a actividade artística e a expansibilidade de exteriorização das ideas.

Nem mesmo a chamada «arte social» deixa de estar ao serviço duma moral ou duma força. O artista é enganado pelas instituições estadoais — e assim quando ele pensar trabalhar, «socialmente» para os outros, mediante certas condições de vida que pede, ver-se-á forçado a trabalhar para si, se não quiser morrer de fome.

Cumprê, pois, à critica, servida pela imprensa, que é o grande órgão de cultura do povo, antepor-se ao predomínio da força sobre a arte. Infelizmente, a imprensa, é movida por altas empresas capitalistas, a quem nada interessa a arte, nem a nobreza das opiniões. As próprias empresas actuam sobre os criticos quando estes não são já funcionários da força.

Falha a critica e mantendo-se o conflito entre a força e a arte, o artista tem dois caminhos: abdicar ou sofrer. Excepcionalmente, pode ser herói e resistir: é o caso de Beethoven que não se curvou perante um soberano, porque para ele só a arte era soberana. Abdicando, porém, todo o esteta deve pensar sempre que, para si ou para os seus sucessores, se há-de verificar esta verdade: A Arte é uma Força; é a tradução do pensamento humano. A força simplesmente pode opor-se-lhe; nunca vencê-la — porque não há força que destrua o pensamento humano...

.. A não ser que o Cosmos revoltado fizesse parar este sistema solar de que somos pequenino pedaço...

Mas perguntar-se-á, e o Estado, os Governos, o Poder?

Compilação e comentários de

Fernando Teixeira

A L E M D E

G A D O B R A V O

o filme que veio mostrar
que, afinal se pode fazer
bom cinema em Portugal
a Agência Cinematográfica

H. DA COSTA, L.^{DA}

vai distribuir na próxima época

30 excelentes filmes estrangeiros

entre êles o famoso

ANGOLA-PULLMAN

o filme da civilização portuguesa através do Continente africano

A epopeia do esforço colonizador!

A África civilizada!

Angola-Pullman é comentada em português pelo eminente
colonialista, capitão Henrique Galvão, ilustre Director Técnico da Expo-
sição Colonial, que obsequiosamente aceitou o convite que para tal lhe
foi feito pela Agência H. da Costa



Marléne! Marléne! Marléne! O nome desta mulher parece um grito de guerra. A exótica, a complicada, a incompreensível! E no entanto —meu Deus!—Marléne, bem no fundo da sua alma, deve ser tam deliciosa, tam generosa, tam maravilhosa e docemente mulher!



gação de aparecer em mais de 2 filmes por ano. Trabalho mínimo de 40 semanas em cada ano e ordenado semanal de 2.500 dólares, ou sejam 62 contos, aproximadamente. Além disso, a mãe do miúdo, M.me Gertrude Temple exigia, para si própria um ordenado semanal de 100 dólares (2.500 escudos) pela obrigação de acompanhar o filho e cuidar d'ê durante o tempo de trabalho.

Acrescentemos que a Fox, que tinha, a principio oferecido um aumento de 100 dólares semanais, acabou por aceitar as duras condições que lhe impunham os papás do feliz menino.

Safa! Ou a Fox nada em dinheiro, ou os meninos, na América, são muito .. americanos.

Noticias &

O próximo filme de Lilian Harvey

O próximo filme de Lilian Harvey, sempre a soldo da Fox, chamar-se-á *365 noites em Hollywood*. O cenário baseia-se numa reportagem de James Starr sobre a vida da capital do cinema. O filme quasi não terá diálogos e será inteiramente musicado.

Duas novas produções de Jesse L. Lasky

Jesse L. Lasky vai fazer realizar, para a Fox, um grande filme chamado *Eldorado*, tendo por protagonista Spencer Tracy e uma comédia sentimental chamada *Romance para vender*, de que o principal intérprete será Charles Boyer.

Quem quer ver Marlène em carne e osso?

A imprensa americana anuncia que se iniciaram negociações entre a direcção do *Casino de Paris* e Marlène Dietrich, no sentido desta aceitar um contrato para aparecer, no próximo inverno, na cena daquele Music-hall.

A aceitação da grande vedeta depende, apenas, do vereditum da Paramount sobre o assunto.

Aqui tem os apaixonados de Marlène uma boa noticia. Paris sempre fica um bocadinho mais à mão que Hollywood.

Um bebé que ganha 1.500.000 francos por ano

1.500.000 francos são, na nossa moeda, nada menos do que muito perto de 2.000 contos, e quem ganha esta continha calada é Shirley Temple, a vedeta mais nova da Fox-Films.

Para o filme *Baby, take a bow*, cuja apresentação mundial teve lugar recentemente em Hollywood, Shirley, que conta apenas 6 risonhas primaveras, recebia nada menos do que mil dólares (aproximadamente 25 contos) por semana.

A-pesar-dêste ordenado principesco, quando quiseram contratá-la para o filme *Angel Face*, os pais exigiram aumento. As clausulas do contrato eram até curiosas: «Contrato por um ano, sem obri-

O novo filme de Cecil B. de Mille

Cecil B. de Mille anuncia que o seu próximo filme será inspirado nas cruzadas. O actor Henry Wilconxon fará o papel de Ricardo-Coração-de-Leão.

Êste homenzinho do Senhor não deixará a História em paz?

Uma obra prima

Marcel L'Herbier começou, nos Studios Pathé-Nathan, a realização de *O Aventureiro*. O filme é tirado da peça do mesmo nome, considerada a obra-prima de Alfred Capus.

O filme dum Cónego

Golgota, o filme do cónego Raymond que será realizado por Julien Duvivier, já está vendido para vários países. Preveem-se, desde já, versões em nove linguas diferentes.

Um filme sobre Chopin

Vai fazer-se, na Alemanha, um grande filme sobre Chopin. Será realizado por Geza von Bolvary, assistida, para a versão francesa, de Valentin. O cenário é original de Jacques Théry e os diálogos estão sendo escritos por Jacques Natanson.

O papel de Chopin será encarnado por Jean Servais, sendo a distribuição completada com Lucienne Le Marchand, Jeanine Crispin e Marc-Valbel.

Os 100 dias de Mussolini

Werner Krauss que interpretou o principal papel desta peça, da autoria do italiano Giovachino Forzано, vai ser também o heroi do filme com o mesmo nome e assunto.

A representação Tcheca em Veneza

Na *Bienalle do Cinema*, em Veneza, o filme tcheco é representado por: *Extase*, de Gustav Machaty; *A Terra Canta*, de Karel Plicka; *A Tempestade sobre o Tatra*, de Tomas Iruka e um filme de Ioret Rovensky.

A Agência Cinematográfica H. da Costa, Lda., que com tanto êxito está distribuindo entre nós o já famoso «Gado Bravo», prepara para a próxima época um escolhido grupo de programas estrangeiros entre os quais se destaca «Angola-Pullman», de René Ginot, o homem que soube fazer justiça ao esforço colonizador dos portugueses.

Esse filme que vai ser comentado na nossa língua pelo eminente director técnico da Exposição Colonial, capitão Henrique Galvão, é um documento curiosíssimo do continente africano, de Angola à contra-costa. Pela primeira vez, com efeito, o cinema nos mostra a África civilizada; e o que é sobremaneira consolador para nós — civilizada por portugueses.

Outros filmes sensacionais apresentará a Agência H. da Costa a partir de Outubro, como «O Rei dos Pretos», com Milton; «Azas Quebradas», extraído da fofosa peça de Pierre Wolf, já representada entre nós, com o célebre actor francês Francen e Alice Field; «O Gavião», em que o grande artista Charles Boyer tem o seu maior papel; «Toboggan», em que o famoso boxeur Georges Carpentier se revela um artista de primeira ordem; «A Família Numerosa» (título provisório) também com o apreciado cómico Georges Milton; «Chourinette», um novo trofeu de glória do excelente cómico Duvallés; «Encontrou-se uma mulher nua», uma comédia francesa do mais puro estilo parisiense; «Um homem de encomenda», etc.

Brevemente aquela importantíssima casa portuguesa anunciará o seu segundo grupo de filmes em preparação.

Um presente de utilidade

Dois marinheiros americanos, Sam e Tom, decidiram visitar Mae West. A opulenta actriz recebeu-os amavelmente e convervou largamente com eles. A saída os dois admiradores pediram-lhe uma recordação, «qualquer coisa de íntimo». E disseram:

— Mande-nos o seu presente para S. Francisco, visto que partimos esta noite.

Depois de se despedirem, Mae West tratou de procurar qualquer coisa que mandasse aos apaixonados marinheiros. Procurou, sem sucesso, durante algum tempo. Eis senão quando cai-lhe debaixo dos olhos um magnífico «soutien-gorge» que já não usava.

— «Qualquer coisa de íntimo» pensou a actriz. Ora aqui está uma coisa mesmo a propósito para mandar aos meus marinheiros.

Alguns dias depois de ter mandado a sua lembrança, Mae West recebeu a seguinte carta:

«Querida Mae. Obrigado pelas redes que nos mandou e que são muito mais confortáveis que as de bordo. Tom dorme no compartimento da esquerda, e eu, no da direita. E dormimos muito melhor. Thank you.

A quem não conhece bem Mae West lembramos tratar-se de uma actriz que pretende modificar a estética feminina, regressando às curvas sumptuosas e opulentas de outrora.

COMENTÁRIOS

A Fox contrata artistas espanhóis

O escritor dramático Eurique Jordiel Pocale acaba de partir para Hollywood, contratado pela Fox, para dialogar as versões espanholas dos seus filmes, de colaboração com Martínez Sierra. Juntamente seguiu a actriz Catalina Barcena, contratada para dois filmes.

Um suicídio

George W. Hill, realizador do filme «Arranha-Céus» suicidou-se com um tiro de revólver, em consequência de depressão mental que lhe causou uma longa doença.

Um filme sobre a revolução francesa

Alexandre Korda começou a realização de «A Flor Vermelha» (título provisório). Trata-se de um filme sobre os mais trágicos acontecimentos da revolução francesa. Os papéis principais foram entregues a Merle Oberon e Leslie Howard.

Um cinema subterrâneo

Fritz Staar, um gerente de cinemas que, só em Berlin, já possui nove, acaba de abrir o décimo. Trata-se de um cinema subterrâneo, situado na parte Oeste da cidade, na estação do «metro» Onkel Tonis Huette, e possuindo uma lotação de 700 lugares.

George Bancroft é bigamo?

Miss Bella Brothen requereu a George Bancroft, por intermédio do tribunal de Los Angeles, uma pensão alimentar, baseado o seu requerimento numa certidão de casamento datada de Buffalo, Nova Iorque, 1913.

— «Tinha completamente esquecido esse casamento», declarou Bancroft ao juiz Pinel.

E acrescentou, interpelando directamente o tribunal:

— «Os senhores julgam que se eu fôsse casado, teria tomado a responsabilidade de ter filhos de um segundo casamento?»

Os juizes não responderam, e Bancroft continuou:

— «Mesmo, tenho a certeza de ter obtido o divórcio.

É curioso que alguém se lembre de um divórcio e se tenha completamente esquecido do casamento que a ele deu lugar. Mas enfim... parece que as coisas se resolveram dum modo amigável.

Uma louvável e curiosa iniciativa

Quando alguns dos numerosos admiradores de Jean Galland lhe escreve pedindo-lhe uma fotografia, o popular actor responde que teria o maior prazer em aceder ao pedido mas que deseja receber, em troca, qualquer donativo para a «União dos Artistas».

A ideia é boa, e digna de ser seguida.

O S O R T E I O

Damos a seguir aos nossos leitores as normas do sorteio dos prémios que oferece o nosso NÚMERO DE VERÃO. Antes, primeiro, temos de relembrar quais são êsses prémios e qual o modo como se encontram distribuídos. Os prémios são:

— Uma casa, projecto do distinto architecto sr. João Queiroz, construída no local que o premiado indicar — no Continente, é claro! — sendo o terreno pago por nós até à importância de 20 contos.

— Um automóvel FIAT do modelo Balila de luxo.

— Um piano de concôrto da grande marca Gustav Lutz.

— Uma mobília de Sala de Estar, saída das oficinas dos Grandes Armazéns Nascimento.

— Um aparelho de rádio da afamada marca COLOSSAL, representada no nosso país pela Sociedade Commercial Luso Americana.

— Um aparelho de filmar Agfa-Movex.

— Um cheque de DOIS MIL E QUINHENTOS ESCUDOS, passado à ordem da casa Albano Ramos Pais & Filho, desta cidade, onde o premiado poderá fazer compras até esta importância.

— Um fogão chapeado a alumínio e um trem de cozinha completo, da casa Tomaz Cardoso.

Vejamos agora a distribuição dêstes prémios pelas quatro séries em que teve de ser dividida a tiragem atingida pela nossa revista.

SÉRIE A

- 1.º CASA
- 2.º RÁDIO

SÉRIE B

- 1.º AUTOMÓVEL
- 2.º AGFA-MOVEX

SÉRIE C

- 1.º PIANO
- 2.º CHEQUE

SÉRIE D

- 1.º MOBÍLIA
- 2.º FOGÃO

Vejamos agora a forma do sorteio.

Como se vê pelo talão de sorteio publicado no unda desta página, cada revista possui duas numerações. A primeira, impressa na parte superior do talão e representando os números que limitam a série a que a mesma revista pertence, e a segunda, impressa na parte inferior do talão e representando O NÚMERO PROPRIAMENTE DITO, de cada exemplar.

Como se sabe, a Lotaria da Santa Casa da Misericórdia tem 10:500 números. O NÚMERO DE VERÃO da nossa revista, possui portanto 4 séries com todos os números desde 1 a 10.500. Existem, portanto 4 exemplares com cada um dos números da série 1 a 10.500 pertencendo cada um dêstes exemplares a uma das 4 séries em que foi dividida a tiragem total da edição.

Sabe-se portanto desde já que: *as quatro revistas cujo número propriamente dito — impresso na parte inferior do talão — seja igual ao número do primeiro prémio da Lotaria da Santa Casa, ganharam um PRIMEIRO PRÉMIO.*

E sabe-se também que: *tôdas as revistas cujo número propriamente dito seja igual ao do segundo prémio da Lotaria, ganharam um SEGUNDO PRÉMIO.*

Resta apenas discriminar as séries.

Os limites dessas séries, são:

1 a	2.625
2.626 a	5.250
5.251 a	7.875
7.876 a	10.500

Enunciemos agora a regra para se saber qual é a série A e conseqüentemente a B, a C e a D.

A série A será aquela *que compreenda, entre os seus números limites de séries, o número do PRIMEIRO PRÉMIO DA LOTARIA.*

As restantes séries seguirão a ordem normal.

Ex: Suponhamos que o PRIMEIRO PRÉMIO DA LOTARIA caiu no número 8.892. As séries serão marca das do seguinte modo:

A	de 7.876 a 10.500
B	de 1 a 2.625
C	de 2.626 a 5.250
D	de 5.251 a 6.875

Suponhamos porém que o prémio tinha caído no número 3.371. As séries seriam:

A	de 2.626 a 2.250
B	de 5.251 a 7.875
C	de 7.876 a 10.500
D	de 1 a 2.625

Seguido este processo para se encontrarem as séries que discriminam a distribuição dos 4 primeiros prémios, seguir-se-á o mesmo sistema para a discriminação dos 4 segundos prémios.

As séries serão neste caso marcadas, é claro, pelo número do SEGUNDO PRÉMIO DA LOTARIA.

TALÃO DO SORTEIO

A lotaria que regula o sorteio é a do dia 13 de Outubro de 1934.

Os números premiados serão publicados no PRIMEIRO DE JANEIRO do dia 16.

O prazo de validade do talão para a reclamação do prémio que lhe seja atribuído, termina no dia 30 de Outubro de 1934.

Sala de espera

Protesto — muito embora reconheça a inutilidade de tal protesto — contra a inqualificável atitude de indiferença e de silêncio com que quasi todos os criticos receberam « Douro, Faina Fluvial ».

Aparte dois ou três, que para o filme de Manuel Oliveira e António Mendes tiveram mercedissimas palavras de elogio, os outros mantiveram-se calados como se o trabalho daqueles dois rapazes não valesse mais do que qualquer dessas fitas insipidas e deslavadas, mal feitas e sem gosto que a « lei dos 100 metros » obriga a incluir em cada programa.

Estorço de Serviço

Como explicar tamanha indiferença e tam pequena importância concedida a um filme português de categoria, a despeito da sua curta metragem?... Má vontade? Incompreensão? Ou simples propósito de « não ligar » a dois novos, independentes, que não têm por hábito distribuir bonitas falas e palmadinhas nas costas em troca duma referência amável?... Não sei. Talvez por todas essas coisas. Talvez por nenhuma delas. Ou talvez, justamente, o curto tamanho de « Douro, Faina Fluvial » não bastasse para lhes chamar a atenção... pois é muito possível que esses criticos não saibam que os filmes, como os homens, não se medem aos palmos...

Em face das reclamações constantes que recebo, em virtude do atraso com que saem as respostas às cartas que são dirigidas a esta secção, procurarei hoje atender a vontade dos meus consulentes alargando, excepcionalmente, o espaço concedido à « Estação de serviço », a-fim-de pôr em dia, o mais possível, a correspondência que tenho recebido ultimamente e que aqui se amontoa à espera de vez.

Previno também os habituais ou futuros frequentadores desta secção que as suas cartas devem ser endereçadas para as novas instalações de *Movimento*: R. Elisio de Melo, 28, Salas 43 e 44.

Expediente

PRÍNCIPE MORENO — A resposta à sua carta vai sair com grande atraso devido ao facto de *MOVIMENTO* não se publicar quinzenalmente durante o verão. Mas você não fica zangado, pois não? Tudo quanto nos diz com respeito à nossa revista é

muito sensato e nós temos em vista remediar o melhor possível essas deficiências de distribuição que aponta. Nada do que nos diz, porém, é novidade para nós. Toda a sua carta, que é uma grande manifestação de interesse e simpatia por *MOVIMENTO* merece os nossos mais sinceros agradecimentos. Acredite que a vossa dedicada amizade é para nós grata recompensa.

PRÍNCIPE DE PICKFAIR — Esta resposta podia começar como a sua carta: mais vale tarde do que nunca... Afinal não cheguei a conhecer a « Almita Gentil ». Por duas vezes que me veio procurar e com tam pouca sorte andei que, ou já tinha saído, ou ainda não tinha chegado... Todavia, a-pesar-de não ter tido o prazer de a conhecer pessoalmente, estou-lhe grato pela gentileza da visita.

ESTUDANTE ANJINHO — É assim o seu pseudónimo?... A maior prova que nos pode dar, da sua amizade por *MOVIMENTO* é fazer a propaganda da nossa revista e conseguir-nos novos assinantes. Farei a sua comunicação.

JOSÉ J. GAIO DA SILVA — Li as suas duas cartas, que agradeço. As suas considerações sobre *MOVIMENTO* acertam justamente com a nossa maneira de vêr. Porisso verá satisfeitos alguns dos seus desejos... que são também os nossos. Os camaradas Vieira Pinto, Vasco Rodrigues, Alves Costa e Fernando Barros agradecem as suas palavras e eu ofereço-lhe uma mãozada, pela parte que me toca.

CARLOS DA FONSECA MARTINS — A sua carta devia ter sido dirigida a esta secção. Com referência aos números que o sr. J. Gualberto Adão oferece para vender, é melhor o meu amigo dirigir-se directamente a esse senhor, cuja direcção vem no n.º 25. Como querê você que eu saiba o preço porque ele os vende? Quanto aos preços de assinatura de *MOVIMENTO* queira ter o incómodo de se dirigir à Administração.

PRÍNCIPE MORENO — Cá tenho mais uma carta sua. Muito obrigado por nos ter transmitido as suas impressões sobre o n.º 25. Tem carradas de razão nos reparos que faz. A nossa própria opinião foi menos favorável que a sua... O realizador de « O Impedido » foi Tourjansky. « Krakatoa » é um documentário-cultural de grande valor. Quando for reexibido não o perca e verá que se não arrepende.

JOSÉ A. DE ANDRADE ALVES — Francamente, você é como o era e não era... Olhe que não é bom ser assim tam precipitado e mudar de decisões como quem muda de colarinho.

NISA — Creio que os informes que me pedia na sua carta já não vão a tempo. Todo os assinantes ficaram inscritos para o NÚMERO DE VERÃO e só

não o receberão aqueles que nos avisaram não o de-
sejar ou aqueles que... não pagaram a inscrição.

CHARLES BOYER—Sobre *Gado Bravo* leia a crítica do Alves Costa. Antonio Botto tentou um processo por perdas e danos contra H. da Costa alegando terem alterado alguns versos que escrevera para aquele filme assim como terem incluído uma canção que diz não ser da sua autoria. O filme esteve selado por alguns dias mas a interdição foi levantada mediante caução prestada pela empresa produtora. A questão resolver-se-á em Outubro quando reabrirem os tribunais. E vai dar que falar—talvez mais do que já deu—visto terem aparecido os originais de uma das canções, escritas pelo punho de António Botto, e que é justamente aquela que o poeta diz ter sido alterada sem seu consentimento...

No Congresso de Viena, cujo resultado você deseja saber, foram classificados os filmes «Little Woman», «Une Douce Intrigue Amoureuse» e «Grand Jeu». Vi, sim, as versões espanhola e francesa de «O Presídio». Duma maneira geral gostei mais da versão espanhola. Na outra só achei superior o desempenho de Charles Boyer. Lamento que esteja doente e espero continuar a receber notícias suas.

JOÃO GOMES—Já não vão a tempo os informes que me pedia na sua carta. Desculpe não ter podido responder-lhe quando desejava.

MADemoiselle INSENSÍVEL—Cria que tive imensa pena de não ter tido o prazer de a conhecer pessoalmente. Da primeira vez que me veio procurar eu cheguei cinco minutos depois de você ter saído. E quando soube que tinha estado cá fiquei desapontadíssimo. Bem me queria parecer que a falta de suas notícias não era só motivada por um achaquezinho de preguiça... Sim, já supunha que não ouviria aí as estações do Pôrto. Também pouco perde com isso... Ouça a C T 1 G L muito bem, mesmo de dia e algumas vezes melhor ainda do que a Emissora Nacional. No inverno o meu Zenith de 6 lâmpadas já me dá alguns postos estrangeiros. Lamento que de facto não tivesse escrito meia dúzia de fôlhas. Já sabe que não me incomoda nada.

PRÍNCIPE MORENO—Mais uma carta sua! Como isto andava em atrazo!... Naturalmente ainda encontro outra aqui no monte, Caramba! Em Quelimane os cinemas devem fazer fortunas em pouco tempo levando por um balcão 30\$00 e pelo lugar mais barato da plateia essa bagatela de 15\$00!!... Pobres cinéfilos de Quelimane! E ainda por cima tem de ver agora filmes de há três ou quatro anos!... Diga-me agora que razão de queixa tem os de cá. Não se admire com êsses comentários que ouviu à saída do cinema. No dia da estreia de «Gado Bravo» fiquei à frente dum senhor que teve êste comentário ao assistir à exhibição do «Douro, Faina Fluvial»: «êste filme, para mim não tem interesse, passo ali todos os dias...» Confesso-lhe que não sei o que me apeteceu mais, se bater-lhe, se me rir.

JORBES—Nada lhe posso dizer sobre o filme «Eu sou um evadido» (Salvo seja!) porque ainda não foi exibido no Pôrto. Vocês, aí em Lisboa, muita sorte temem.

PRÍNCIPE DE GALES.—Sobre o caso António Botto—H. da Costa já deve ter encontrado em vários jornais páginas bastante elucidativas. Não quero antever o resultado final da questão mas parece-me, todavia, que será favorável à empresa productora. O «Movimento» n.º 26 saiu de facto com algum atraso. Transmitti carta. Disponha sempre dos meus préstimos e creia que nada me aborrece.

MAGALI.—Na data em que me escreveu já o n.º 26 estava à venda. As suas queixas não são injustas... Como verá ou já deve ter visto procuramos remediar o mal. Nós nunca perdemos a noção dos valores e reconhecemos os erros em que às vezes caímos. Porque diz você que «Gado Bravo» é um filme «quási português»? Que quer você que eu lhe diga sobre a legenda à foto de Lupe Velez que publicamos no n.º 25? Não achava bem que não tivéssemos a coragem, a prudência ou a força de vontade de Weissmuller e nos deixássemos ir ao fundo... ou ficou zangada por lá se dizer que, na nossa terra, as mulheres bonitas estão em eclipse total? No primeiro caso, são modos de ver. No segundo... não diga nada, mas aquilo foi «para armar...» Continue a dar-me notícias suas.

J. VICENTE JÚNIOR.—Não me lembro de nenhuma leitora com o pseudónimo de «Ilagam». A sua carta fica portanto retida até que ela me comunique a sua direcção. Obrigado pelas felicitações.

ILAGAM.—Tenho aqui uma carta para si! Mande-me a sua direcção.

J. GOMES.—Pode escrever directamente. Suponho que assim será melhor e obterá mais rápida resposta. Leitão de Barros já começou, sim senhor, a filmar «As Pupilas do Sr. Reitor». Nada tem que agradecer.

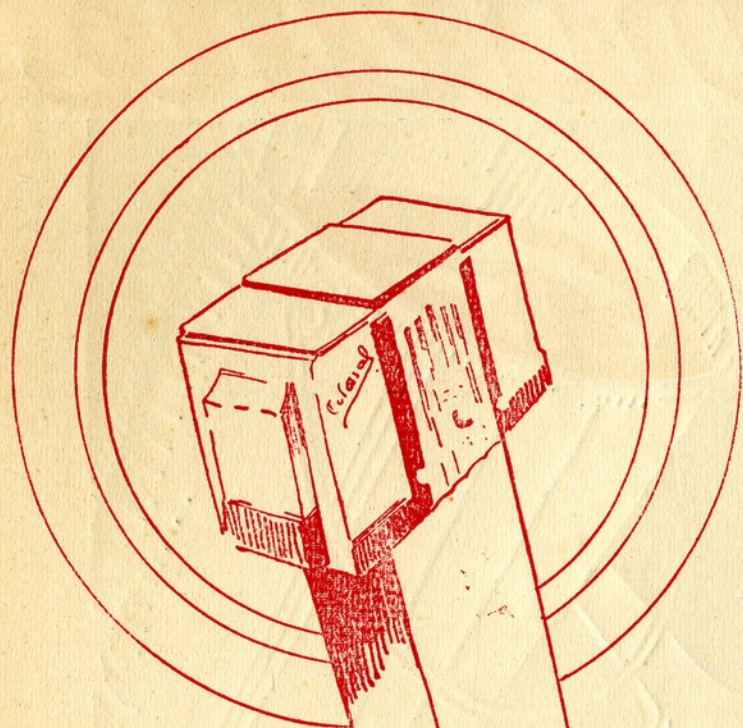
Apartado n.º B

O PRÍNCIPE DE PICKPAIR (Pôrto)... Gostaria de trocar correspondência com Magali.

V. COELHO.—(T. dos Moinhos, 24-1.º Lisboa)... deseja trocar impressões por correspondência com leitoras do «Movimento».

J. VICENTE JÚNIOR.—(Rua de Alportel, 67, Faro)... Oferece aos leitores do «Movimento» diversos exemplares de revistas e jornais de cinema, já extintos.

COLOSSAL RADIO



**Um aparelho
pequeno que
é um grande
aparelho.**



Sociedade Comercial Luso Americana, L.^{da}

LISBOA—Rua da Prata, 145

PORTO—R. Sá da Bandeira, 393

Muraline



A MELHOR
TINTA
A ÁGUA

MÁRIO COSTA & C.^ª, L.^ª
RUA DO ALMADA, 30-1.º E 2.º
TELEFONE, 2571 — PÓRTO